

PROJETO NAZCA

(Brasil, Argentina, Chile, Perú e Bolívia)



Nov/2006
































por Thiago Serra.

Trajeta



Roteiro

Dias	De	km	Para	País	Condições (*)
01	Elias Fausto	551	Maringá		☆☆☆☆
02	Maringá	425	Foz do Iguaçu		☆☆☆
03	Foz do Iguaçu	610	Corrientes		☆☆☆
04	Corrientes	404	Monte Quemado		☆☆☆
05	Monte Quemado	589	Susques		☆☆☆☆
06	Susques	302	San Pedro de Atacama		☆☆☆☆
07			Calama - Concerto da Motocicleta		☆☆☆
08			Visita El tatio		☆☆
09	San Pedro de Atacama	120	Laguna Colorada		☆☆
10	Laguna Colorada	105	Alota		☆☆
11	Alota	123	Uyuni		☆☆
12			Visita ao Salar de Uyuni		☆☆
13	Uyuni	549	La Paz		☆☆☆
14	La Paz	331	Juliaca		☆☆☆
15	Juliaca	431	Camana		☆☆☆
16	Camana	390	Nazca (Visita às Linhas de Nazca)		☆☆☆
17	Nazca	453	Abancay		☆☆☆
18	Abancay	198	Cuzco		☆☆☆
19			Descanso		
20			Visita a Machu Pichu		
21	Cuzco	376	Puno		☆☆☆
22	Puno	467	Caracollo		☆☆☆
23	Caracollo	347	Villatunary		☆☆☆
24	Villatunary	308	Santa Cruz		☆☆☆
25	Santa Cruz	282	San Jose de Chiquitos		☆☆
26	San Jose de Chiquitos	396	Corumbá		☆☆
27	Corumbá	449	Campo Grande		☆☆☆
28	Campo Grande	329	Três Lagoas		☆☆☆
29	Três Lagoas	620	Elias Fausto		☆☆☆☆
	Total	9.155	km		
	Total Real	9.700	km (**)		

(*) Condições das estradas:

- ☆☆☆☆ Asfalto em boas condições
- ☆☆☆ Asfalto em condições razoáveis
- ☆☆ Estrada de terra ou trilha

(**) O Total Real corresponde à quilometragem efetivamente alcançada durante a viagem, devido a deslocamentos não planejados.

Arquivo de Novembro 2006

PROJETO NAZCA



Faltam 20 dias para o início da expedição relacionada ao Projeto Nazca!

Meu planejamento para esta viagem vem de meses, a intenção de fazê-la vem de anos.

Contra tudo e contra todos decidi fazê-la sozinho, não por opção, mas por falta de companhia. Conheço muita gente que gostaria de fazê-la comigo, mas não tem condições, conheço também muita gente que tem condições, mas que não gostaria do desafio. É sempre assim...

Já realizei outras aventuras sozinho e parto do princípio que um bom planejamento é o suficiente para se dar bem, mesmo contando com imprevistos e contratemplos.

Já tinha me conformado com a idéia de enfrentar a parada sozinho, contudo, faltando dois meses para a viagem um amigo me liga dizendo que gostaria de realizar o projeto junto comigo, era o Dario.

Ele me perguntou se era possível fazer essa viagem com uma Strada 200 cilindradas, eu disse que era arriscado, pois enfrentaríamos desertos e muita estrada de terra, mas ele insistiu dizendo que conhecia bem a moto e que tinha confiança total. Muito bem, mesmo que a viagem se tornasse mais lenta por causa desse fator, ainda assim era muito melhor do que viajar sozinho.

O rapaz se desdobrou para providenciar todas as documentações e equipamentos necessários para se fazer uma viagem como essa, e olha que não são poucos: Passaporte, carteira internacional de habilitação, vacinação contra febre-amarela, cartão internacional de vacinação, seguro internacional carta-verde, capacete, luvas, calça e jaqueta de cordura, botas, alforjes, dentre outros...

Há uma semana da partida fomos providenciar o seguro internacional carta-verde e descobrimos que só existia uma seguradora que o fazia aqui no Brasil, era a "Magna Corretora de Seguros", de Curitiba. Pior que isso, descobrimos que eles não faziam o seguro para motos com menos de 250 cilindradas! Por um momento me vi viajando sozinho novamente, mas Dario não desistiu e disse que compraria uma Falcon igual a minha para podermos viajar, mesmo que fizesse infinitas parcelas para pagá-la. Então, depois de alguma pesquisa, ele descobriu que quando a motocicleta está alienada, é preciso uma autorização do banco para sair com ela do país, ele teria que enviar documentos para serem carimbados em Brasília e não tínhamos tempo para isso. Quanta complicação, nesta altura do campeonato, ele não podia se render, então ele conversou com seu pai e entrou num acordo, os dois comprariam juntos a moto e depois da viagem, Dario a venderia para pagar o que devia ao pai. Excelente. Depois disso enfrentou mais alguns desdobramentos para licenciar o veículo, colocá-lo no seguro nacional e só então providenciar o seguro internacional carta-verde. Tratamos de adequar a moto para a viagem, exatamente do mesmo jeito que eu tinha feito com a minha, trocando carenagens, tanque de maior capacidade, etc... Pois é, se tivesse sido fácil não teria graça, o importante agora é que estamos prontos para partir, bastante ansiosos, mas preparados.

01.11.06

PRIMEIRO DIA

Amigos, consegui um tempinho para falar sobre o primeiro dia da viagem. Hoje acordamos as 5:30 da manhã, tomamos um café e saímos para a viagem, logo nos primeiros kms o Dario percebeu que tinha esquecido o documento da moto na casa dele, tivemos que voltar para pegar o documento.



Já na divisa de SP com Paraná, um maldito de um policial rodoviário me parou e queria me multar dizendo que eu estava com o farol apagado. Levando-se em consideração q eu já tenho duas multas recentes no histórico, não poderia deixar que ele me aplicasse a multa. Perguntei a ele se poderíamos resolver de outra forma, sugeri que ele fizesse uma multa menos grave, ele disse que não. Então ele me devolveu os documentos e disse que era pra eu ver o que eu podia fazer. Perguntei se esse "o que eu podia fazer" tinha uma "medida de grandeza", ele disse que não estava lá para explorar ninguém... que absurdo! Olhei na minha carteira e não tinha um tostão, fui buscar na moto e só tinha notas de cinqüenta... quando entreguei a nota, o comportamento dele mudou, disse que se precisasse de alguma coisa era só falar e que era para fazermos uma boa viagem. Perguntei se era certeza que essa multa não seria feita, ele disse "Fique tranquilo que vc está falando com o Samuel". Onde vamos parar dessa forma?! Que absurdo!

Chegando a Maringá precisamos sair correndo atrás de uma autorizada Honda para fazer a primeira revisão da moto do Dario, senão ela perderia a garantia. Encontramos a FreeWay, fomos recebidos pelo Alexandre, proprietário, que nos tratou com muita atenção e fez questão de passar a moto na frente de outras tantas que estavam por lá, para que não perdêssemos tempo valioso para a viagem. De viajante para viajante, muito obrigado Alexandre, por sua consideração, fez por nós o que o nosso conterrâneo Nuno Narezzi não faria.



O Dario comprou um par de luvas caríssimo, quando foi usar, reparou que as duas luvas eram da mão direita... ha, ha, ha... Passamos a noite na casa de amigos em Maringá. Obrigado a família Rota por nos ter recebido com tanto carinho e atenção.

Saldo de kilometragem: 600 km

Aguardem mais notícias.

Beijo para as meninas, abraço para os rapazes.

<http://thiagoserra.blog.terra.com.br/>

02.11.06

SEGUNDO DIA

Hoje a viagem foi mais tranqüila e menos cansativa, rodamos 420 kms de Maringá a Foz do Iguaçu. A chuva estava sempre um passo a nossa frente, tomamos alguns chuveiros e encontramos sempre a pista molhada.

No meio do caminho encontramos uma torre de observação feita de madeira, as margens de uma floresta, como aquelas de filmes norte-americanos, ficamos tentados a subir na torre, mas como o tempo era curto, vai ficar para outra vez.

Em Foz está muito sol e calor. Amanhã tentaremos visitar a parte brasileira das cataratas para tirar algumas fotos, mas teremos que ser breves, pois temos que rodar 540 km até Itati, na Argentina.

03.11.06

TERCEIRO DIA

Brasil e Argentina são farinha do mesmo saco.

Ontem acordamos cedo e fomos direto para a parte brasileira do parque das cataratas do Iguaçu, o Dario queria muito conhecer. Disse que não daria tempo, pois a viagem seria longa, mas tudo bem. Ao chegarmos ao parque descobrimos que o passeio seria muito demorado então seguimos direto para a alfândega, chegando lá, pedimos para a policia federal declarar a posse da filmadora do Dario e eles se recusaram, pois não tínhamos a nota. Voltamos para Foz na esperança de arranjarmos uma solução para o problema, mas foi tudo perda de tempo, entramos na Argentina sem declarar o produto e por volta das 13 horas, por isso tivemos que viajar a noite para compensar o atraso. Tomamos muita chuva pesada durante a tarde, vi um cachorro ser atropelado, dentre outras coisas. Chegamos por volta das 22:30 em Posadas, chegando lá pegamos uma rota proibida para motos e a policia de transito nos parou imediatamente, disseram que seríamos multados por duas infrações e que custariam 400 pesos argentinos, podíamos pagar diretamente a eles ou ficaríamos presos ate segunda-feira... ainda argumentei sobre os avisos de proibição, que eram inexistentes, os dois policiais ficaram irritados e começaram a falar alto. Então eu pedi perdão, pois éramos brasileiros e não conhecíamos as regras de transito da cidade, disse tb que não tínhamos dinheiro, que estávamos de passagem pela cidade e que precisávamos abastecer e ir para um hotel. Eles disseram que se déssemos dinheiro a eles nada aconteceria conosco, pedi então para eles nos levarem a um posto de gasolina, lá eu poderia pensar em algo melhor para sair dessa situação. Chegando ao posto os guardas ficaram longe para ninguém desconfiar, enquanto isso eu pedia para os frentistas nos ajudarem de alguma forma, eles ficaram indignados com a situação e disseram que deveríamos sair por trás do posto de gasolina, foi exatamente o que fizemos, fugimos e voltamos para a estrada na esperança de encontrar um lugar para dormir. Esses policiais devem estar nos esperando ate agora... ha, ha, ha... isso é o que dá tentar passar brasileiros para trás...



É duro ter que admitir, mas esta é da boa...

04.11.06

QUARTO DIA

Acordamos muito cedo, saindo de Possadas com destino a Monte Quemado. Tínhamos 450 kms para percorrer. O hotel que ficamos era um lixo. Passamos o dia viajando por retas intermináveis, chegava a dar sono. As estradas estavam repletas de animais, muito perigoso. Um policial nos mandou parar e perguntou se estávamos com pressa, o problema foi que o sinal que ele fez para parar parecia que era apenas para diminuir a velocidade. Pensei "Mais propina...", mas ele nos mandou prosseguir.

Corrupção novamente...

No meio do caminho encontramos uns policiais que uns pararam, novamente, pediram nossas documentações, procuraram por defeitos na moto, por equipamento de primeiros-socorros, estava tudo lá... sem ter mais o que questionar, pediram uma ajuda em dinheiro para pintar guarita... da para acreditar?! Demos 20 pesos para podermos ir embora logo... estávamos de saco cheio...

Hoje as retas eram infinitas, realmente pareciam que nunca iam acabar, a estrada estava vazia... em determinado momento Dario pegou a maquina para filmar um pouco nossos movimentos, acabamos ocupando as duas pistas, lado-a-lado, para que ele pudesse me filmar, quando derrepente, fomos surpreendidos por um carro passando no meio de nós dois a milhão! Cara idiota! Colocou todos em perigo, inclusive a esposa e a filha.

Sem comentários, quanto mais os conheço, mais os desprezo.

Ao chegar ao destino, fomos para um hotel horrible, comemos bem no jantar e dormimos melhor ainda... sem muitas novidades.



Consegue ver o final da reta?



Alqueires de girassol.

05.11.06

QUINTO DIA

Antes de viajar pedi para o Dario não levar a viseira escura do capacete dele.

Acordamos cedo como de costume, saímos rapidinho de Monte Quemado, que mais parecia um deserto.

Tínhamos que rodar cerca de 600 km no dia e dormir numa cidade chamada Susques, que fica há uns 3000 metros de altitude, já na cordilheira dos Andes.

Fomos subindo os Andes bem distraídos, tirando fotos e parando para filmar, encontramos uma família que cria cabras, no meio do deserto, foi incrível conhecê-los. Quando assustamos, a noite já estava caindo... tínhamos mais 30 kms ate chegar à cidade.

Já era noite e Dario tomou á dianteira, apos alguns minutos tentei avisá-lo do que havia pela frente, mas já era tarde de mais, ele se chocou contra um burro, em alta velocidade. O tombo foi feio, mas gracias a Deus não tinha acontecido nada de mais grave. A viseira escura dele não permitiu que ele enxergasse o animal... A frente da moto ficou bastante destruída, ele ralou as mãos, o joelho e bateu o peito. Apos o susto, seguimos para a cidade, ele sem farol e eu una frente mostrando o caminho. Ele começou a sentir dor no peito, isso me assustou. Foram os 30 kms mais longos de minha vida... fomos direto para o hospital, que era extremamente precário, mas fomos muito bem atendidos por duas medicas, Silvina e Patricia. Dario teve que passar a noite no hospital em observação, eu fui para um hotel, não consegui dormir direito de preocupação, mas tudo acabou bem...



Criação de Cabra nos Andes, elas estão escondidas ai, acreditem.



Salar nos Andes.

06.11.06

SEXTO DIA

Acordei bem cedo e fui tirar o Dario do hospital, agradecemos muito as medicas e deixamos 100 pesos para ajudar o hospital. Se eu fosse rico, juro que mandaria construir um novo em Susques, pois dava pena das pessoas sendo atendidas por la, pessoas pobres num hospital miseravel. O objetivo de hoje era chegar ao Chile. Encontramos uma brasileira viajando de moto sozinha, quer dizer, não tão sozinha, ela estava com o cachorro dela. Saiu de Ushuaia, extremo sul da America e estava indo para Alaska. Pois e, quando agente pensa que estamos fazendo uma loucura, sempre tem alguém fazendo uma loucura ainda maior. Passamos a viajar juntos, pois parte do trajeto era parecido.

Chegamos ao Chile pelo Passo Jama, um frio de lascara a 4600 metros de altitude, as motos falhavam a todo momento, pois a mistura de combustivel/ar e muito rica, ou seja, mais combustivel do que ar para queimar. Pegamos uma decida de mais de quarenta kms, com muitas cruzeiras em homenagem aos acidentados, muitas carcaças de caminhões capotados nas beiras dos precipícios, feio de se ver. Chegamos ao Chile por volta das 8:30 da noite, ainda era dia. Ficamos presos na aduana, pois não permitiram que o cachorro passasse, ele ficou preso temporariamente la, coitado. A Aletea ficou P da vida... mas tudo bem, nossa passagem por aqui e curta, em dois dias sairemos daqui. Vamos ficar em São Pedro de Atacama por 3 dias.



Aletea e seu grande amigo Jack.



Parada para agasalhar, muito frio!



Minhas luvas do Mad Max.

07.11.06

SETIMO DIA

Acordamos bem cedo, tomamos um café da manha reforçado, engraxamos a corrente das motos e fomos atrás de um mecânico em S P de Atacama para tentarmos conseguir um farol para a moto do Dario. Não havia nenhum mecânico, tivemos que nos deslocar ate Calama, ha 100 km de onde estávamos, na esperança de conseguir o farol, caso contrário, não havia como continuar viagem. Estava calor e decidimos ir de shorts e camiseta, tolice nossa, tivemos que enfrentar o deserto de Atacama, no meio das montanhas, passamos muito frio. Chegamos a Calama por volta do meio-dia, corremos atrás de uma loja para conseguir um farol, não havia nenhuma, decidimos colocar um farol de carro mesmo. Onde compramos, o dono da loja sugeriu um lugar para instalarmos o farol, nos levou la pessoalmente, num muquifo regido por dois patetas, eram gente boa, mas muito enrolados, começaram a mexer na moto, percebi logo de cara que não ia dar certo. Por volta das 4 da tarde, o suporte que estavam desenvolvendo, de plástico, se partiu, sorte nossa, pois ele não ia agüentar de qualquer forma. Confesso que bateu uma preocupação, precisávamos ir embora, enfrentar o deserto sem agasalho, não podíamos deixar a noite cair. Os mecânicos queriam que agente pagasse mesmo sem ter instalado nada, saímos pela tangente. Fomos à primeira loja que visitamos no dia para chorar as pitangas na esperança de que o rapaz nos indicasse onde trocar o farol, nos levou numa oficina com outdoor da Honda, mas não era Honda. O cara resolveu nosso problema, colocou um farol de Suzuki, redondo, mas estética não importa. Perdemos o dia correndo atrás disso, tivemos que sacrificar um passeio. A pesar de tudo, mais uma sensação de vitoria. O tórax do Dario ainda dói, as mãos estão cicatrizando. Força Dario!



Antes.



Depois.

08.11.06

OITAVO DIA

Fizemos um passeio muito bom pelo Vale de el Tatio, onde encontramos animais selvagens, lagos e geisers. Tratamos de fazer esse passeio com uma agencia, pois precisávamos de descanso, ultimamente só estávamos levando porradas. 45 reais pelo passeio, não esta caro. Levantamos as 3:30 da manha para pegar a Van. Às 6 horas estávamos no geisers, a temperatura estava a 8 graus abaixo de zero. O condutor colocou uma caixa de leite para aquecer no geiser, achei muito legal. Durante o passeio nos deparamos com paisagens incríveis, povoados minúsculos no meio do deserto sem nenhuma condição de conforto, como eles conseguem água por lá?

Por volta das 13.30 estávamos de volta, abastecemos as motos e começamos a programar o dia seguinte, estaremos de partida para Uyuni, na Bolívia. São 480 km de estrada de cascalho, muito provavelmente não teremos contato com meios de comunicação. Talvez tenhamos que fazer esse trajeto em dois dias, ainda não decidi.

Por causa do dia que perdemos correndo atrás das pecas da moto, tivemos que sacrificar um passeio.



Igreja de um povoado no meio do deserto.



O que será que tem lá...



Geiser, como aqueles dos desenhos do pica-pau.

Pedacinho do deserto do Atacama, o mais seco do mundo.

09.11.06

NONO DIA

Acordamos bem cedo, tomamos café e fomos direto para a Aduana para sair do Chile. Pegamos as estradas do deserto do atacama em direção a Bolívia. As motos continuavam falhando por causa da altitude, mas agüentaram bem o primeiro dia da travessia. Passamos por lagoas verdes, brancas, avermelhadas, estradas infundáveis de terra solta, pedregulhos e outros obstáculos mais. Esse primeiro dia foi uma provação, a Aletea levou uns cinco tombos de moto, eu e o Dario levamos um tombo cada um. São quedas que não machucam, mas que estragam a moto e atrasam a viagem, sem nossa ajuda seria impossível para a Aletea atravessar o deserto. Às vezes era necessário tirar o Jack de dentro da casinha para tornar a travessia mais segura, nesse momento o ele corria kms atrás das Lhamas soltas no deserto. Nosso objetivo era chegar à Laguna Colorada, pois era o único lugar com refugio naquele trajeto. Já estava anoitecendo e não conseguíamos encontrar o refugio, por um momento achei que teríamos que dormir no deserto numa temperatura cerca de -20 graus C. Quando já estávamos nos conformando com a idéia, apareceu um 4x4 que nos deu a dica da localização. Deus estava conosco. Chegamos congelados ao refugio, não tomamos banho aquele dia.



Aletea e Jack chegando à Laguna Colorada.



Deserto sem fim...



Dario mijando no deserto...

10.11.06

DECIMO DIA

Acordamos cedo, tomamos um café da manha, carregamos as motos e saímos com destino a Uyuni. A estrada era extremamente precária, o que nos permitia andar a uma velocidade aproximada de apenas 20 km/h, apos muitos kilometros de paisagens incríveis, vales imensos, altiplanos onde o horizonte parecia acabar bem mais longe do que de costume, sem uma alma viva sequer, chegamos a uma mineradora onde fomos confirmar nossa direção, disseram que Uyuni estava muito longe para chegarmos no mesmo dia, mas que deveríamos dormir num povoado chamado Alota. Demos continuidade a nossa viagem tendo em mente que não haveria erro, segundo nossos amigos mineradores, mas chegou um momento no meio do deserto que a estrada se dividiu em três. O que fazer numa situação como essa?! Uma das piores sensações e a de estar perdido, acreditem. Tentamos identificar aquela que estava mais gasta e demos continuidade, ate que a estrada se dividiu novamente... Cheguei a pensar que ficaríamos perdidos novamente, mas como sempre, Deus colocou uma ajuda em nosso caminho, outro 4x4 passou por la e nos indicou o destino correto. Chegamos sãos e salvos em Alota, um povoado minúsculo e miserável. Fomos comprar um refrigerante para matar a sede, pedi um bem gelado, o rapaz pegou um refrigerante do chão e deu na minha mão, achei estranho, pois estava na temperatura ambiente. Abri o bendito e dei umas boas goladas, acreditem, o refrigerante não precisava de geladeira, a temperatura ambiente ja dava conta do recado, desceu liso em minha garganta. Ficamos numa posada muito simples e o banho era fervendo, mas foi melhor do que ficar no deserto. Cumprimos o objetivo de vencer o deserto pela segunda vez, mas não chegamos a Uyuni como havia previsto.

<http://thiagoserra.blog.terra.com.br/>



Deserto sem fim 2...



Dupla no deserto.



A Negra e a Laguna Verde.

11.11.06

DECIMO PRIMEIRO DIA

Acordamos meio tarde, tomamos um café fajuto e caímos nas estradas do deserto por volta de 10:30 da manhã. A estrada era melhor do que as anteriores, mas muito traiçoeira, pois quando se ganhava confiança para rodar numa velocidade considerável na terra, derrepente ela se tornava pura areia fina, o que acabava desequilibrando a motocicleta e quase causando acidentes. Eu costumava ir à frente para identificar esse tipo de problema, o que dava tempo de avisar meus companheiros que vinham logo em seguida. A preocupação de chegar ao objetivo se tornou prioridade, enquanto as fotos e a apreciação da natureza andina ficaram em segundo lugar, era a corrida para a sobrevivência. Rodamos sem parar até chegar a Uyuni onde visitaremos o maior deserto de sal do mundo. Preferimos agendar um passeio com uma companhia, pois estava barato, gastaríamos menos do que se fossemos de motocicleta. Fomos trocar dólar por bolivianos, almoçar num boteco de última qualidade, mas na Bolívia e assim mesmo. Eu e o Dario tomamos uma cerveja, sempre na temperatura ambiente, que já é suficiente, perdemos no pebolim para dois muleques do local, e voltamos para a pousada para descansar. A Aletea tirou alguns carrapatos do Jack, do tamanho de azeitonas, tenho certeza que o Jack os pegou quando corria atrás das Lhamas no deserto. Acho que vamos comer uma pizza para comemorar, pois vencemos o deserto mais seco do mundo, 380 km de estradas terríveis, sol escaldante, frio intenso, tudo em três dias, sem comunicação e apoio, o GPS funciona bem só na televisão.



O que será que ele esta pensando...?



Parece que ta calor, não parece?



Oasis

12.11.06

DECIMO SEGUNDO DIA

Respondendo algumas perguntas, por incrível que pareça, os povoados aqui estão à frente de seu tempo em relação à tecnologia, por menor que seja, muitas vezes tem acesso a Internet.

Aqui comemos uma comida miserable e mal feita, não sei como ainda não ficamos doentes, talvez já estejamos com verme na barriga... he, he, he...

O Dario mijava de vez em quando.

Obrigado por acompanharem o blog, e emocionante ler os comentários de vcs amigos.

Acordamos por volta das 9 da manhã, fomos na praça tomar um café, simples, porém nutritivo. Dario colocou alguns postais no correio, achamos engraçado que a tia do correio lambia cada selo para colocar no cartão, até tiramos uma foto. As 10:30 da manhã pegamos o carro da agência para visitar o salar, conosco estava um casal de italianos, um casal de japoneses e uma mexicana. A primeira parada foi num cemitério de trens, todos desgastados pelo tempo, pois estavam lá há mais de 100 anos. Dali fomos para um hotel feito todo de sal, no meio do salar de Uyuni. Tiramos várias fotos e demos boas risadas tirando sarro da cara do japonês, ele era muito engraçado. Do hotel fomos para uma ilha chamada Ilha do Pescado. Essa ilha é composta de corais, circundada de sal por todos os lados, um dia esse deserto de sal foi mar. Para qualquer lado que se olhe, só se vê sal, até o horizonte. Pessoas já morreram por entrar no salar sem o conhecer. Ficamos lá por umas 3 horas, comemos um almoço precário, mas como estávamos com muita fome, aquilo para nós era um banquete. As paisagens do salar são fantásticas, parece neve. Sua extensão é de 12000 km quadrados. Voltamos bastante queimados do sol. Por falar em queimar, o Dario queria meter fogo na bandeira da Bolívia que estava na ilha, o bixo e piromaniaco. À noite fomos jantar junto com a Aletea, pois era o último dia que ela ficaria conosco. Compramos uma caixa de leite com chocolate para tomarmos no dia seguinte, pois sairemos muito cedo para tentar recuperar o tempo perdido. Já devíamos estar no Peru. O hotel ate que era legal, mas a dona lembra muito uma bruxa velha, caolho e tudo, e se comporta como tal. O Dario foi tomar banho e a velha entrou no banheiro para esperar ele desligar o chuveiro, ela permitia 10

minutos de banho apenas. Ela também desalojou a Aletea por causa do cachorro, mas sem problemas, ha males que vem para o bem, la acabou indo para um lugar melhor e mais barato.

Como uma imagem fala mais que mil palavras, curtam as fotos abaixo.



Ilusão de ótica.



O pensador.



Ilusão de ótica 2.



Ilha do Pescado.



Textura do salar.



Mulequinho.

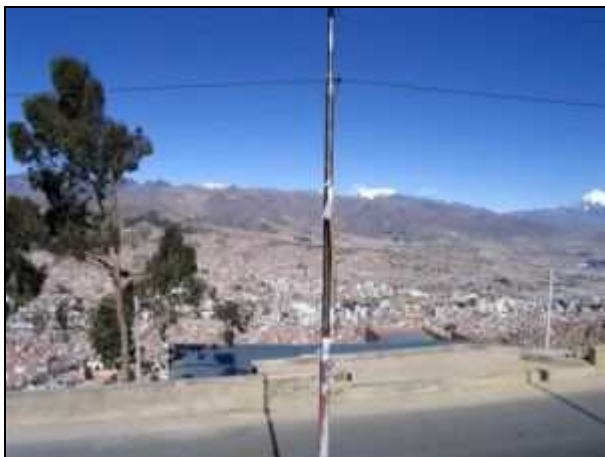


Relax.

13.11.06

DECIMO TERCEIRO DIA

Voltamos a ser uma dupla. Acordamos as 5 da manhã para correr contra o tempo, tínhamos 200 km de estrada de terra para percorrer e depois mais 340 de asfalto até La Paz na Bolívia, estávamos achando que não seria possível. Mais uma vez comemos muita poeira, corremos com cautela a 80 km/h e o risco de queda era iminente. As motos trepidaram tanto que o mastro da bandeira da moto do Dario, feito de ferro, foi para o beleleu. Conforme andávamos a paisagem se modificava, ficava mais verde, era o deserto ficando para trás. Muitos riachos para serem atravessados pelo caminho, criações de guanacos, ovelhas, porcos e outros bichos que nem sei o nome. Em todo lugar que paramos somos observados como se fossemos extraterrestres, às vezes chega a incomodar. A criançada pede para tirar fotos, mas depois querem dinheiro (FDP). Passamos em Oruro, a cidade mais feia que já vi na minha vida, era um aterro sanitário em céu aberto, iríamos almoçar lá, mas saímos correndo o mais depressa possível, o lugar metia medo. Paramos algumas dezenas de kms depois para almoçar num muquifo, comida horrível, mais uma vez. Mas encheu a barriga, tá bom. Quando da fome agente come até terra. Chegamos a La Paz, a capital da Bolívia, nada bonita, ficamos surpresos com o mal planejamento da cidade. Lembra uma grande favela, não teremos tempo para avaliar os pontos turísticos, mas a primeira impressão é a que fica. Em todo lugar tem uma foto do Evo Morales, ele é adorado por aqui, mais ou menos como o Lula no Brasil, pelos pobres. Como estamos só de passagem por aqui, não temos muito o que dizer, mas posso afirmar que não temos interesse de voltar. Sem fotos de real interesse.



Aquele mosaico de casas abaixo do morro e um pedaço de La Paz

14.11.06

DECIMO QUARTO DIA

Destino: Peru.

Levantamos por volta das 7 da manhã, meio tarde, mas é que queríamos tomar o café da manhã do hotel, que por sinal, não foi muito bom.

O trânsito de La Paz é extremamente caótico, o pior que já vimos na vida, muito pior que o de SP. Saímos em direção da aduana peruana e chegando lá, a burocracia foi tremenda. Tivemos que passar por quatro lugares diferentes para pegar toda a documentação. Estávamos cansados com a burocracia para prosseguir com a viagem, mas a paciência é fundamental, coisa que quem me conhece, sabe que não tenho.

Uma propinquinha aqui, outra ali... e pronto. Os policiais só falavam da Cicarelli e Xuxa, e perguntavam quanto custava uma boa prostituta no Brasil, he, he...

Pegamos estrada de novo e logo nos deparamos com o famoso lago Chichicaca, imenso, quase não se pode ver o outro lado, azul, salgado. Paramos para comer um pão doce que o Dario comprou em La Paz, um local estava passando pelo caminho e demos um pedaço para ele tb. Pessoa simples e atenciosa, não sabia nos informar kilometragem, mas sim horas de viagem, aqui todos falam sobre tempo, nada de kilometragem, alias, nem placas têm essa informação.

Pausa para algumas fotos e sentamos a bunda de novo na moto, carretera ate chegar a Juliaca.

Ficamos num hotel razoável, por 15 dólares, pagamos com cartão, a propósito, lembrem-me de cancelar meu cartão American Express, não ha problemas em sair de casa sem ele, pois poucos lugares aceitam...

Comemos uma hamburguesa com gaseosa a temperatura ambiente, isso já esta dando no saco. Todo lugar tem geladeira de refrigerante, mas nenhuma esta ligada. Reclamei que a coca estava quente e o garçom disse que era por que o tempo não estava frio... vai entender...



Chichicaca.



Chichicaca.

15.11.06

DECIMO QUINTO DIA

15 de novembro, quero falar um pouco de saudades.

Acredito que existam dois tipos: Aquela relacionada a tempo e aquela relacionada a distancia.

A primeira, vc pode estar ha muito tempo sem ver quem se gosta, mas é só dar um pulinho e matar a saudade. A segunda, vc pode estar apenas ha alguns dias longe de quem se gosta, mas nada pode ser feito para matar a saudade, essa dói demais.

Quando se juntam as duas então, aí acho que fica difícil de respirar.

Estou morrendo de saudades da minha família, dos meus amigos, de casa e especialmente da Renata. Quantas vezes não pensei, durante os apertos que passamos, que eu poderia estar em casa tranquilo de pernas para o ar... mas ta valendo, o aprendizado esta valendo à pena.

Hoje é meu aniversario, quase me esqueci dele, se não fosse o presentinho que a Renata deu para ser aberto no dia exato. Encheu-me os olhos de lagrima.

A meta de hoje era ir de Juliaca ate Camana. No meio da viagem chegaríamos ao Pacifico, que de pacifico não tem nada. Saímos bem cedo de Juliaca atrás de nosso destino, passamos por serras infundáveis, muitas subidas e descidas, as motos falhando demais. Perdi a paciência e arranquei o filtro de ar da moto, ficou bem melhor. O frio foi intenso, pois estávamos a mais de 4 mil metros de altitude. As paisagens eram fantásticas, as montanhas aparentemente não podiam se transpostas. Nenhum policial nos parou, no Peru eles são muito melhores, eles nos cumprimentavam com felicidade e mandavam seguir boa viagem.

Em determinado momento a viagem tornou-se uma descida sem fim, estávamos em direção ao nível do mar. Passamos por uma cidade chamada Arequipa, grande, mas não paramos por la para almoçar, paramos bem mais para frente, num restaurante beira de estrada com comida ruim. Isso e comum por aqui. Segundo o Dario o cozinheiro era viado. Todo mundo é viado para o Dario. Rasgamos mais algumas gargantas de montanhas ate repentinamente aparecer a imensidão do mar, levantei as mãos para o ar a 120 kms por hora como se tivesse vencido um grande premio. Já estávamos no final da viagem deste dia. Iríamos com destino a uma cidade chamada Ocona, mas segundo o pessoal de Camana, não valeria a penas, pois é pequena de mais. Ficamos em Camana mesmo, na pousada do Rafael, outro, segundo Dario, viado.

Saímos quebrados comer um lanche para matar a fome e voltamos ansiosos por descanso.

Ah... passeatas, estão ocorrendo muitas por aqui, as eleições ocorrerão no próximo domingo.



Parada no deserto.



Pintura.



De pacifico não tem nada...

16.11.06

DECIMO SEXTO DIA

Levantamos cedo, como de costume, saímos atrás de um café da manhã, mas nem padaria não estava aberta as 7 da manhã. Por sorte achamos uma tienda onde comemos algumas empanadas de carne com coca-cola. Ah, experimentei um refrigerante chamado Inca-Cola, 100% nacional, mas tem gosto de desinfetante e cheiro de chiclete.

Partimos com destino a NAZCA, toda viagem pela costa marítima. Curvas de dar enjôo ate em astronauta, extremamente próximo ao mar, mas numa altura de precipício. Muitas das curvas não tinham guardrail. Sob e desce, sob e desce ate encontrar umas retas onde se podia alcançar velocidade de percurso. Num momento estávamos num deserto à beira-mar, noutra passávamos por povoados sem recursos. As plantações eram feitas na areia do mar, nem agrônomo não entenderia como... Túneis cavados na rocha, aparentemente a machadinhas, sem iluminação, mas a estrada era boa, a paisagem, melhor ainda. De vez em quando encontrávamos funcionários varrendo o asfalto, no meio do nada, acho que um caminhão deixava os funcionários em determinados lugares e ao cair da noite ia buscá-los. Em determinado momento o asfalto estava totalmente tomado por dunas de areia.

Ultrapassamos muitos caminhões pelo caminho.

Paramos numa cidadezinha, da qual não me lembro o nome agora, e comemos um bom almoço, milagre! Um alemão puxou papo conosco, estava dirigindo um ônibus da mesma procedência, cheio de turistas. Disse que tinha uma prima em Indaiatuba, mais uma vez fiquei surpreso com o pequeno tamanho do mundo, ela trabalha numa cerâmica por la.

Apos o almoço, mesmo com vontade de dormir, seguimos viagem, pegamos boas retas e o trajeto rendeu. As 16:30 estávamos em Nazca, o destino da viagem! Nem dava para acreditar. Fomos direto ao aeroporto e de surpresa conseguimos um vôo de ultima hora para ver as Linhas de Nazca. Fui à frente do avião Cezna, Dario foi atrás com uma chinesa que só falava chinês e inglês. Não da para descrever as linhas, só vendo para crer, linhas milenares com precisões atuais que só podem ser notadas do alto. Isso da margens a cogitação das razões pelas quais foram feitas e dos efeitos que puderam causar.

No final do passeio o piloto perguntou se poderia fazer algumas manobras, a chinesa topou, eu topei, mas o Dario amarelou. Disse ele que estava com enjôo... he, he, he... mas ta valendo.

Apos a inesquecível aventura, seguimos para a cidade de Nazca, para um hotel razoável e barato. Saímos para comer outra hanburguesa com gaseosa e ca estou eu escrevendo estas historias.

Hoje ganhamos dois dias que estavam perdidos, pois fizemos um passeio que estava previsto para amanhã e sacrificamos um dia de descanso.

Gostaria de agradecer novamente aos amigos que nos escrevem, a vontade é de responder para cada um, mas o tempo curto, e eu to cagando e andando para vcs também... he, he... brincadeira.

Veremos o que nos espera amanhã.



Aberto a machadadas.



O que o cara não faz por uma boa tomada...



Da para ver o beija-flor?



Na verdade ta todo mundo de estomago embrulhado.

7.11.06

DECIMO SETIMO DIA

Caros amigos, respondendo algumas perguntas.

Velocidade de cruzeiro e consumo médio, quando estamos em condições normais de temperatura e pressão, numa reta considerável, procuramos andar a cerca de 110 km/h, pois esta e a velocidade em que a moto tem um rendimento/consumo equilibrado, chega a fazer 22 km/litro. Quando estamos numa altitude elevada, pode-se reduzir o rendimento em ate 30%. Quando estamos em estrada de terra, se ela for boa, chegamos a 80 km/hora, se for ruim, algo em torno de 30 ou 40 km/h e o consumo. Aqui deve-se levar em consideração a altitude e os 30% também.

O burro levou a pancada e saiu dando pinote, não encontramos nenhum vestígio do burro na moto, o que nos leva a pensar que ele ficou inteiro. Segundo o Dario, o Jack é veado também e vc também.

Sobre a Aletea e o Jack, gostaríamos de ter noticias deles tb, mas ate agora, apesar de termos trocado e-mails, não entraram em contato.

Hoje saímos cedo, precisávamos percorrer 480 km ate chegar a Abancay. No inicio começamos a subir uma serra extremamente sinuosa, a estrada serpenteava pela serra próxima a Nazca. As motos começaram a falhar novamente, chegamos a uma velocidade de 40 km/h no maximo às vezes. Como tudo o que sobe, tem que descer, depois de muito tempo, chegamos ao final da serra e passamos a descer, imediatamente as motos começaram a melhorar, pois fazem menos forca. A descida foi de aproximadamente 170 km, acompanhando um rio que rasgava a garganta de um cânion que parecia não ter fim. Hora estávamos do lado esquerdo do cânion, hora estávamos do lado direito, passando de um lado para o outro através das pontes que os interligavam. Em alguns momentos nos deparamos com crianças pedindo dinheiro na pista, vestidos com roupas típicas da região, isso corta o coração. E impressionante a felicidade com que as crianças acenam para a gente quando nos vêem passando na estrada, acredito que não estejam acostumadas com errantes de motocicleta. Além do cansaço de viajar por tantos dias de motocicleta sem descanso, o sono era arrebatador em determinados momentos, tivemos que parar na beira de um

riacho para eu poder descansar, acredito que dormi uns 20 minutos. As estradas eram muito boas, mas em muitos pontos havia deslizamentos de terra e pedras, o que nos dificultava as manobras. Passando por um minúsculo povoado, uma criança atravessou minha frente, consegui frear a tempo, mas os pneus interromperam o silêncio do vilarejo com um grito estridente. Dario fez o mesmo duas vezes, mas por causa de cães que corriam para me pegar e acabavam ficando no caminho dele. As paisagens eram sempre deslumbrantes, fugimos da chuva o tempo todo, muitas vezes deixamos de curtir o visual por causa do cansaço.

Chegamos a Abancay, o destino do dia. Ficamos num hotel antigo, num quarto barato, mas como o chuveiro estava quebrado, acabamos ficando num quarto melhor, pelo mesmo preço. Saímos para comer frango com batata frita, salada e calabresa, matou bem a fome, mas o Dario tinha certeza que iria acabar passando mal.



Um pouquinho da sinuosidade I.



Um pouquinho da sinuosidade II.

18.11.06

DECIMO OITAVO DIA

Levantamos tarde em Abancay, por volta das 8 da manhã. Descemos tomar o café que agente não tinha direito, pagamos por ele, mas foi um bom café da manhã.

Abastecemos as motos e caímos na estrada, figurativamente falando.

Hoje pode-se dizer que chegamos à altura das nuvens, o destino era Cuzco. A distancia entre as cidades era curta, mas a estrada era trabalhosa, pois rodávamos em volta de montanhas, o que tornava um percurso de 180 km parecer ter 10 vezes mais. A habilidade que estamos adquirindo com as motos e impressionante, nas curvas fechadas deitamos as motos ate quase os alforjes raspem o asfalto, mas fazemos isso sempre com muito cuidado, e lógico. A paisagem aqui e muito verde, pois chove consideravelmente nas montanhas e o clima e tímido.

Não fizemos paradas durante a viagem, a não ser para colocar agasalhos quando fazia frio ou retira-los quando esquentava. Muitos povoados pelo caminho, num deles, uma sprinter de turismo resolveu apostar corrida conosco, não nos deixava ultrapassá-la chegando ate mesmo a fechar nossas motos, que cara idiota... numa das subidas acelerei a moto próxima a uma curva e consegui passá-la, a pesar do esforço do motorista de me impedir, tomei a dianteira e o cara não conseguiu mais me alcançar. O Dario, depois de alguns minutos, conseguiu fazer uma ultrapassagem estratégica, pelo acostamento, quando a van perdeu velocidade ao se deparar com um carro velho em baixa velocidade. O cara tentou nos alcançar, mas não teve jeito, ficou para traz.

Chegamos a Cuzco, por volta da uma da tarde, fomos arranjar um hotel e em seguida fomos comprar as passagens para Machu-Pichu, mas a venda tinha se encerrado ao meio-dia. Vamos tentar comprar as passagens amanhã, as 5 da manhã, no momento da saída do trem, às vezes os lugares não estão completos, o que torna a compra de ultima hora possível. São preços de 65 a 220 dólares, e lógico que queremos a mais barata.

Almoçamos num boteco, compramos umas frutas e a noite fomos atrás de umas cervejas, encontramos 3 brasileiros também de motocicleta, são de Natal, mas partiram de SP, atravessando a Bolívia e chegando aqui em Cuzco, são todos gente boa, mais velhos que nos. Trocamos varias idéias sobre o percurso, pois coincidem em determinados trechos. Quebrados, fomos para o hotel para descansar, afinal de contas, o dia seguinte começaria cedo.



O início da nova descida.



Demos uma graninha para essa senhora.

19.11.06

DECIMO NONO DIA

Cinco da manhã já estávamos de pé, iríamos tentar comprar as passagens do trem para Machu Pichu, o rapaz chamado Américo, que trabalha no hotel, fez questão de nos acompanhar o tempo todo, gente boa ele. Chegando à estação, já existia uma pequena fila, logo começou a chegar gente e o lugar virou um mercado de peixe. Para nossa surpresa, quando chegou nossa vez, não havia mais bilhetes de retorno. Que droga! Descemos numa outra estação para garantir passagens para o dia seguinte, compramos bilhetes com saída de uma cidade vizinha, teremos que ir para lá de taxi, pegar o trem até Águas Calientes, de lá pegar um autobus até Machu Pichu. Teremos que levantar novamente às 5 da manhã. Depois de ajeitarmos nossa ida, fomos tomar o café da manhã no hotel e depois saímos para conhecer o centro histórico. O lugar é maravilhoso, bonito mesmo, gostamos da cidade. Depois trocamos o óleo da moto do Dario, improvisamos desde o funil até um torque maior para desatarraxar o parafuso, pois a chave de boa era muito pequena, mas nada que uns toques de Mcgiver não resolvam. No almoço mandamos um frango para o peito, acho que vou ficar alguns anos sem comer essa ave. Hoje o dia acabou se tornando o descanso tão esperado depois de 18 dias montados na moto sem folga, o corpo estava precisando disso. Assistimos Forest Gump e O Senhor dos Anéis 3. Compramos uns doces para depois do jantar e daqui a pouco vamos atrás de uma pizza. Hoje o dia foi comum, sem surpresas até agora. Dias comuns às vezes são muito bem vindos.



Plaza de las Armas

20.11.06

VIGÉSIMO DIA

Acordamos às 5:30 da manhã, tomamos café às 6, pegamos um taxi com destino a Ollataytambo onde iríamos pegar o trem para Águas Calientes às 9 horas. Normalmente é mais simples chegar até lá, o problema é que nos tivemos que nos desdobrar para conseguir conhecer a cidade sagrada, não havia mais passagens de trem para lá, foram quatro horas de ida e mais quatro de volta. Ao chegar a Águas Calientes, tivemos que comprar passagens de ônibus que nos levassem até Machu Pichu, só é possível chegar lá dessa forma, nenhum carro ou moto pode se aproximar do vale Sagrado. Lembrei de levar a carteirinha de estudante, mesmo sendo nacional, o que me valeu meia-entrada, o Dario acabou pagando inteira. Mas tá valendo...

Machu Pichu é de deixar qualquer um de boca aberta, a harmonia da cidade Inca com a natureza é impressionante. Como tínhamos pouco tempo para ficar por lá, tivemos que fazer um tour meio rápido, não conseguimos ver de perto todas as partes da cidade, mas o que vimos já foi o suficiente. No topo da montanha mais alta havia umas construções, mas não tivemos pique para ir até lá, seria muito corrido, pois precisávamos voltar para pegar o ônibus, trem, taxi de volta. A altitude dificulta muito o passeio, pois nos falta ar o tempo todo. O Dario disse que tem dó dos Incas, pois se eles tivessem sede na hora de dormir, teriam que descer a montanha para pegar um copo de água no riacho. Ele queria dar cenoura com veneno para uma Chinchila que estava por lá. Dizem que a cidade está deslizando alguns centímetros por

ano, pudera, ela fica no topo de uma montanha, a beira de precipícios. As autoridades vão reduzir o número de turistas para diminuir a chance de a cidade desmoronar da montanha. Os preços de acesso a cidade são absurdos, entrada, passagens, alimentação em torno, tudo para arrancar até o sangue dos turistas, contudo, a organização e a qualidade dos serviços são de primeiro mundo, nem parece estar no Peru.

Tiramos várias fotos e esperamos que seja o suficiente para se ter uma ideia do lugar.

Encontramos no Peru várias pessoas que, ao escutarem que éramos brasileiros, diziam que o Brasil era o maior país do mundo, nem entendendo por que eles dizem isso, mas enfim...

Depois de muito viajar, voltamos para Cuzco e descobrimos uma pizzaria excelente e barata, comemos duas pizzas e fomos dormir para reservar energias para o dia seguinte, 400 km até Puno, em direção de casa.



Esta é tradicional.



Dupla de dois.



Parecem curvas de nível, acho que são.



Impressionante o encaixe das pedras.



Olha a arquibancada.



Retornando para Cuzco.



Entrada da cidade.



Nem parece foto.



Sem comentários.

21.11.06

VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA

Sáimos por volta das 8:30 da manhã com destino a Puno, a estrada era pouco sinuosa e tinha poucas subidas e descidas, um alívio para quem nos últimos dias só percorreu serras e cânions. A carretera acompanhava na maioria do tempo a estrada de ferro que liga Cuzco a Puno, para onde se olhava era possível ver montanhas majestosas no horizonte. Mais uma vez era satisfatório ver a alegria das crianças que nos encontravam pelo caminho, gostaria de entender o que elas sentem quando vêem os viajantes de moto. É impressionante a quantidade de cachorros na beira da estrada, mais ou menos 1 cachorro por km percorrido, alguns deitados no asfalto e outros no acostamento, vimos alguns atropelados também. Fugimos da chuva o tempo todo, mas ela não nos pegou, pelo menos hoje. Durante o caminho a temperatura caiu bastante, tive que me agasalhar. Almoçamos numa cidade de nome complicado, que não me lembro agora, mas o almoço estava bom, experimentamos uma bebida fermentada típica do Peru, feita de milho, chamada Chicha (pronuncia-se Tchi-Tcha). Dormi durante uns 20 minutos na praça principal do vilarejo, parecia um mendigo, enquanto isso o Dario ficou jogando no celular, do lado de um tiozinho que delirava e resmungava.

Voltamos para a estrada satisfeitos com a bóia e depois de mais umas 2 horas chegamos a nosso destino do dia, Puno. Ficamos numa pousada boa, com TV a cabo, banho quente e cama macia, pela bagatela de 27 reais por pessoa, acho que está bom de mais. Agora vamos sair correndo atrás de uma Amburguesa e uma Inca Cola, he, he... esta tem cor de urina, gosto de desinfetante e cheiro de chiclete, é muito bebida pela população, acho que mais por uma questão de ufanismo do que de bom gosto.



Cara sério.



Cara com piolho.



Se for ate o fim, bate na montanha.



Rio intermitente.

22.11.06

VIGÉSIMO SEGUNDO DIA

Saímos cedo de Puno com destino a Caracollo, este trecho já enfrentamos na ida para o Peru, passamos novamente pelo lago Chichicaca e logo estávamos na aduana. Saímos facilmente do Peru, mas um sujeitinho queria cobrar a taxa de uso das rodovias peruanas, já tínhamos pago isso na ida, então, sem titubear, falei firmemente que não pagaríamos novamente a taxa, pois não iríamos mais usar as rodovias do país, depois de falar umas três vezes o rapaz aceitou. O lugar ali é muito confuso e bagunçado muita gente querendo passar de um país para o outro com animais, bugigangas, carroças, etc... uma mulher queria passar com um porco numa bicicleta com carroceria na frente, o guarda não queria deixar, então ela começou a gritar e bater no guarda e o porco ficava gritando...

Para entrar na Bolívia novamente, foi complicado, tínhamos que registrar as motos e depois passar na imigração. Para o registro dos veículos tivemos que esperar o policial aduaneiro preencher nossa documentação, perdemos umas duas horas com essa burocracia, o engraçado e que na nossa primeira entrada na Bolívia o processo foi muito rápido. Feito isso, pegamos estrada novamente, logo estávamos de volta ao transito infernal de La Paz, mas passamos batido, fomos direto a Caracollos. Mais uma vez fugimos o tempo todo da chuva. A foto a seguir representa o que quero dizer quando falo que fugimos da chuva:



É difícil ver a chuva do seu lado e não ter para onde fugir...

Chegamos a Caracollo por volta das 16:30 e ficamos discutindo se valia à pena enfrentar mais 190 kms para dormir em Cochabamba, pois esta é uma cidade mais desenvolvida do que Caracollo. Chegamos à conclusão de que estávamos cansados e não deveríamos continuar. Fomos atrás de um hotel, mas só havia hospedagens das mais horríveis, ficamos numa desse nível. Cama torta, sem chuveiro, privada sem descarga, sem pia... dormimos sem tomar banho, mas jantamos duas vezes...

23.11.06

VIGÉSIMO TERCEIRO DIA

Nada como tomar a decisão certa. Levantamos as 7 da manhã, o Dario não estava muito bem, gripe forte. Estava muito frio e nublado, ele me perguntou se pegariamos chuva pelo caminho, eu respondi que talvez, mas que em 100 kms teríamos o sol de volta. Mas eu sabia que antes de melhorar, iria piorar. Começamos a viagem e pegamos chuva fria logo de cara, uns 15 minutos. Começamos a subir a serra para chegar a Cochabamba, começou a esfriar ainda mais. Depois de muitos "sobes e sobes", começou a nevar. As montanhas estavam forradas de gelo. Paramos para dar uma filmada e tirar umas fotos, mas fomos embora rapidinho, pois as motos estavam com rendimento de mobilete, conseguíamos andar a 10 km/h no Maximo, elas estavam ate congelando, pois cada vez que elas morriam ficava difícil de ligar. Segundo Dario, hoje foi um dos dias mais difíceis da viagem. Se tivéssemos continuado a viagem ontem, com certeza ela estaria comprometida, mesmo porque, ao olhar no relógio, lembramos que a Bolívia tem uma hora a mais que o Peru, a luz do dia não seria suficiente para chegar ao destino. Não gosto nem de pensar no que poderia acontecer...

Chegamos ao topo da serra, começamos a descer e imediatamente a temperatura começou a se elevar, a paisagem começou a mudar.

Chegamos a Cochabamba mais tranquilos e batemos um almoço como ha muito não fazíamos. Estrada de novo. Erramos o caminho e acabamos aumentando a kilometragem do dia, contudo, diminuimos a do dia seguinte.

Descemos mais ou menos 150 kms de serra, tomamos varias chuvas pelo caminho. Como ha males que vem para o bem, chegamos a um povoado chamado Villatunary, que por sinal é muito bom. O clima aqui é bem diferente, é como o Brasil no verão, chove muito e é úmido. Ficamos num hotel com piscina para compensar o dia anterior.

É impressionante como o clima mudou três vezes no mesmo dia. De manha, um frio intenso com chuva e cenário árido, no meio do dia, neve e frio intenso, no final do dia, calor, umidade e muito verde.



Passando aperto no frio I.



Passando aperto no frio II.



Passando aperto no frio III.



Passando aperto no frio IV.



Tava a maior friaca e este tiuzao estava tranqüilo de chinelas de couro... sem comentários...



Fazia tempo que não víamos uma carne de vaca como essa.



Comendo com gosto I.



Comendo com gosto II.



Ao descer a serra a paisagem mudou bastante.



Apos um dia dificil, um hotel bom para relaxar.



Parece que não tirou a camisa para nadar...

24.11.06

VIGÉSIMO QUARTO DIA

Estávamos no coração do narcotráfico da Bolívia e não sabíamos. São por estas bandas do país onde a famosa cocaína boliviana é plantada, o clima e a altitude são perfeitas para o plantio. Segundo Sebastian, um croata que está vivendo há anos no país e está tomando conta da pousada onde ficamos, até Evo Morales, o atual presidente da Bolívia, já trabalhou nessas plantações. Sebastian também nos alertou para não viajar à noite por aqui, pois os povoados formados por descendentes de índios Quechua têm um ditado: “Quem anda durante a noite ou é louco ou ladrão”. Por isso são mortos e comidos por todos, não por que sejam canibais, mas para dividirem a culpa. Se é verdade eu não sei, mas é assustador. Pegamos estrada cedo com destino a Santa Cruz, enfrentamos calor intenso na floresta boliviana, mas meu nariz parou de sangrar, pois aqui o ar é bastante úmido. Por um momento achei que ficaríamos sem combustível pois nenhum posto pelo caminho tinha gasolina, por sorte, num deles, a frentista levou em consideração que éramos viajantes e que precisávamos do líquido valioso para seguir viagem, usou a reserva de emergência do posto para nos fornecer, devemos isso a ela. A cidade tem boa aparência, lembra Campinas, chegamos cedo e paramos para abastecer as motos, aproveitamos para tomar umas cervejas. Durante a degustação apareceu um boliviano bêbado se apresentando como advogado, nos perguntou o que andamos ouvindo sobre a Bolívia por aí... disse ainda que Evo é a última esperança deles e que estão caminhando para o socialismo, caso nada mude, dentro de 2 anos haverá guerra civil, serão os descendentes de espanhóis contra os de índios.. Terminou a conversa dizendo que a língua portuguesa é uma merda. Ficamos quietos, pois queríamos nos livrar dele o quanto antes. Arranjamos um hotel com cheiro de naftalina e saímos para comer alguma coisa. Quando assustamos já eram 10:30 da noite. Paramos para tomar um refrigerante num bar e o cara disse para ficarmos espertos, pois ali era perigoso durante a noite. Fomos direto para o Hotel, chega de movimentos por hoje.



Estrada sem fim.

25.11.06

VIGÉSIMO QUINTO DIA

Destino, San Jose de Chiquitos, 300 kms de terra até chegar ao povoado. Viagem cansativa, mas prevista no cronograma. Estavam preparando a estrada para asfaltamento, mas isso demora anos. Calor sufocante e poeira até no céu da boca, o que salvava eram paradas estratégicas para tomar uma coca mais ou menos gelada nos pueblos pelo caminho. Paramos num sítio, na hora do almoço e reparamos que dentro de um rancho rústico havia umas 8 ou 9 pessoas vidradas na televisão abastecida por um gerador de eletricidade. Eles tinham alugado um filme do Jack Chan, estilo Bruce Lee, mas com uma pitada de humor, um filme velho, e estavam se divertindo com os golpes desferidos. Tomamos um refrigerante com eles e assistimos um pouco do filme e logo partimos, foi muito interessante. A estrada era tão ruim que o bagageiro da moto do Dario entortou, fizemos alguns ajustes na amarração da bagagem para não afetar a estrutura da moto. Chegando ao povoado fomos abastecer, não queríamos correr o mesmo risco de ontem, ficar sem combustível. No posto os frentistas ficavam perguntando o preço das motos, isso me deixou preocupado, dava a impressão de estarem interessados em roubá-las, sabe como é, Bolívia,

<http://thiagoserra.blog.terra.com.br/>

drogas, roubos... mas o Walter, dono do hotel onde ficamos, disse que esse interesse é pura curiosidade, pois as motos são diferentes das que estão acostumadas a ver... que seja.

Mortos de fome, fomos jantar. Advinha... frango. No restaurante tinham uns brasileiros que estavam temporariamente cortando árvores por lá. Depois da janta ficamos discutindo história da América do Sul com um boliviano muito gente boa chamado Hugo, até altas horas. Foi interessante. Os bolivianos perderam terras para Chilenos, Peruanos e Brasileiros. A propósito, o Hugo já esteve nas redondezas de Elias Fausto, conhece Itu, Cerquilha, Sorocaba, Piracicaba, etc...mundo pequeno de novo. A cidade não tinha asfalto, é típica no país. Tomamos chuva no final do dia.



Não, não deu tempo de nadar...

26.11.06

VIGÉSIMO SEXTO DIA

130 kms de asfalto e mais 300 kms de estrada de terra para enfrentar, só que agora, ainda pior. A paisagem lembra muito a Chapada dos Guimarães.

Tomamos chuva no meio do caminho e por alguns lugares havia lamaçal. Era difícil controlar as motos, mesmo a 10 kms por hora. Eu estava atrás do Dario, perdi o controle da moto e acabei girando com ela uns 180 graus, fiquei curioso para saber se o Dario tinha visto, quando olhei para frente, ele já estava no chão, tombo tranquilo, mas engraçado. Com o chão mais firme, abusamos um pouco na velocidade, meu alforje arrebentou com os impactos, remendos básicos para contornar a situação.

Paramos num povoado para encher a pança de coca-cola, tinha uma mulher vendendo limonada na praça, o suco ficava direto no isopor, não resisti à falta de higiene, bebi logo dois, o Dario bebeu um. Tinha uns caras dormindo na praça, as varejeiras sentavam na boca deles, acho que estavam borrachos.

Retomamos o trajeto, não chegávamos nunca ao destino, Brasil. Quando vimos à divisa, erguemos os braços para comemorar, estávamos de volta para casa. Compramos gasolina de uns cambistas, pois apesar dos postos estarem fechados, havia filas de carro para o dia seguinte. Má notícia, de domingo a aduaneira boliviana não abre, bando de vagabundos! Passamos para o lado brasileiro e teremos que voltar no dia seguinte para carimbarmos os passaportes. Vamos passar a noite em Corumbá, na divisa com a Bolívia, pegamos um bom hotel, com piscina, cai na água imediatamente, o calor aqui é intenso e o ar é úmido. À noite, saímos atrás de duas coisas que já não vemos há muito tempo: Carne boa e feijão. Acabamos comendo filé a parmegiana, muito bom. O cansaço é demasiado, vamos tentar dormir bem, pois amanhã teremos 450 kms até chegar a Campo Grande.



Chapada I.



Chapada II.

27.11.06

VIGÉSIMO SÉTIMO DIA

De Corumbá a Campo Grande tomamos muita chuva... mas era uma chuva diferente das que tomamos na Argentina. Lá a água era intensa, mas não chegava a molhar as roupas de baixo, aqui ficamos ensope por toda a viagem. As mãos enrugam de uma forma impressionante. Contabilizamos muitos animais mortos na pista, um tamanduá, um macaco, um veado, um jacaré, uma cobra... e assim por diante... judiação. Paramos para almoçar num posto de gasolina próximo a Aquidauana, fomos muito bem atendidos e comemos dois x-saladas cada um. Passamos próximo a Bonito, pena não termos mais tempo. Chegando a Campo Grande nos questionamos se deveríamos dormir num hotel na beira da estrada para depois irmos embora sem complicações na manhã seguinte, mas ficaria difícil de encontrarmos um lugar para jantar, ainda mais com a chuva que não cessava. Decidimos ficar no centro, pegamos um hotel razoável e com excelente café da manhã. No quarto fizemos nosso varal improvisado, com os estirantes da moto, como de costume, lavamos as roupas e torcemos dentro das toalhas, isso deixa a roupa quase seca. Saímos por volta das 21 horas em busca de uma boa refeição, decidimos comer pizza. Perguntei para o garçom se a massa era feita por eles, ele garantiu que sim, fiz questão de verificar na cozinha. Modéstia a parte, sou um comedor de pizzas, e pizzas são 8 ou 80, ou são muito boas, ou são muito ruins, e a desse restaurante era péssima, mas fazer o que... compramos umas revistas relacionadas a motos, claro, e depois voltamos quebrados para o hotel. Noite tranquila e sem preocupações. Dormimos até umas 8 horas e descemos para o café da manhã, sem pressa. Impressionante como a comida no Brasil é abundante, depois de semanas tomando um café da manhã miserável a base de pãozinho com manteiga e leite, agora nos esbaldamos com ovos mexidos, salsicha ao molho, pães, salgados, frutas, sucos... tudo a vontade... em Corumbá foi igualzinho, acho que depois do café, descemos umas 3 vezes para afanar um copo de suco gelado.



Corumbá de manhã, ao fundo, o Pantanal.



Rio Paraguai.

28.11.06

VIGÉSIMO OITAVO DIA

Destino de hoje, Três Lagoas. Cidade média e extremamente plana, ideal para ciclistas. Para variar a chuva nos pegou em cheio, do começo ao fim. Esse tipo de chuva me irrita profundamente, qualquer 150 km se torna uma eternidade de viagem. Tomamos o caminho errado logo de cara, escassez de placas, que droga! Estávamos até felizes, pois a chuva estava ficando para trás, mas logo descobrimos que o caminho não era aquele, voltamos direto para o olho do furacão. Na estrada havia um caminhão pipa transportando óleo vegetal que andava a milhão, não conseguíamos ultrapassá-lo de forma alguma. Ele jogou muita água suja em nossa cara. A pista é de mão dupla, o que torna a viagem mais lenta por causa das ultrapassagens, o asfalto tem alguns remendos no caminho, o que acaba desestabilizando um pouco as motos, ainda mais com o chão molhado. Quando a chuva dava uma trégua, dávamos uma paradinha para esticar as pernas e tirar água dos joelhos, mas logo pegávamos estrada de novo. Final de viagem é fogo, a paciência encurta e não se vê a hora de chegar ao objetivo. Para mim a viagem começa logo quando a estou planejando, mas a aventura mesmo só se inicia quando saio do país, sendo assim, a viagem meio que acabou para mim quando entramos no Brasil, o resto agora era rotina. Chegamos cedo, apesar de o céu estar caindo sobre nossas cabeças, hotel razoável e de preço bom, o pessoal da portaria se interessou por nossa viagem, passamos o endereço do site para eles visitarem. Varal estendido, roupa lavada, banho tomado, só nos restava correr atrás de comida. Mandamos um lanchão de beira de rodoviária para o peito, logo já não havia mais espaço para nada, só para um refrigerante bem gelado antes de dormir. Nosso último dia fora do estado de SP, ó dúvida cruel, fazer ou não os últimos dois trechos em um só dia, para chegar mais cedo em casa. Tudo depende de como o dia amanhecer, se estiver chovendo, dormimos em Bauru, senão, Elias Fausto, aí vamos nós...



Foi exagero meu dizer que o céu estava desabando?

29.11.06

VIGÉSIMO NONO E ÚLTIMO DIA...

O dia amanheceu muito nublado, mas a esperança é a última que morre. Acordamos as 5:15 da manhã, pois se fossemos direto para casa, teríamos 680 km de estrada para rodar. Café da manhã abundante, comemos mais do que o possível para agüentarmos o batente, arrumamos as bagagens, carregamos as motos e... surpresa, minha Falcon estava com o pneu traseiro furado... que droga! Logo hoje que acordamos bem cedo para ganharmos tempo... procura borracheiro daqui, procura borracheiro dali... estavam todos dormindo, tivemos que esperar até as 7:30. Antes tivéssemos dormido até as 7, mas tudo bem, faz parte. Eu não estava a fim de arrumar o pneu, queria sossego. Depois do problema resolvido, estrada... foi só passar a divisa dos estados que brilhou uma luz no fim do túnel, o sol finalmente apareceu. Enfim pudemos afrouxar as jaquetas, tirar as luvas e abrir o respiro do capacete. Eis que no meio da viagem senti uma ardência violenta no abdômen, droga, certeza que uma abelha me picou... o pior de tudo é que, geralmente, picadas de abelha me causam a morte. Sou extremamente alérgico a picada de abelha, mas tive sorte, foi uma só picada no tronco, o problema maior ocorre quando tomo picada nas extremidades. Posso sentir o veneno fluir no corpo, logo fico empipocado, como se tivesse levado centenas de picadas, a respiração fica difícil... é o chamado choque anafilático, da última vez tive que ficar 4 horas no hospital tomando soro na veia. Que ironia, logo eu que sou inquieto e gosto de andar por aí... é como um aficionado por leitura ser alérgico à poeira dos livros... Ao meio-dia estávamos em Bauru, minha idéia era seguir até a rodovia Castelo Branco para encontrar um Graal para comer, mas por sorte tinha um em Bauru. Foi um rodízio de carne e tanto, até tentei dar uma cochilada depois do almoço, mas o calor era muito. Estrada de novo, a sensação era de reta final... parecia que o trecho da Castelo não tinha fim. Ah como foi bom ver as placas indicando a direção de Itu, nunca estivemos tão perto de casa... em meia-hora estávamos erguendo os braços comemorando a vitória e partindo a fita da linha de chegada, enfim, estávamos em casa.

Após milhares de kms sobre uma motocicleta, longe de casa e de quem se gosta, passando fome, frio, calor, dor, desespero, ansiedade, sustos e medo, enfrentando desertos infindáveis, montanhas de tirar o fôlego, chuvas incessantes, ventos de mudar qualquer trajetória, perseguição policial... enfim, estávamos de volta ao conforto de casa. Confesso que foi difícil, mais difícil do que imaginei, mas afinal de contas, quem falou que seria fácil? Durante essa viagem sofremos muito, mas nos divertimos na mesma proporção, rimos juntos, chorei sozinho, aprendemos bastante, conhecemos pessoas boas e ruins, conhecemos lugares que nem imaginávamos existirem, a natureza é fascinante, fica difícil explicar. Foi uma experiência e tanto, uma grande oportunidade de notar como nossa vida é insignificante diante do que existe por aí, e ainda assim, aprender a dar muito mais valor a cada segundo que a vivemos...



Justo hoje!



Abelha desgraçada!

Até a próxima aventura...